

ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Coordenador: KATIA VALENCA CORREIA LEANDRO DA SILVA

Autor: JULYANA PEZZI DE OLIVEIRA

O processo de inclusão de temas como a sexualidade nos currículos escolares é decorrente de inúmeras demandas e da determinação governamental. Desde 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais incluem no espectro da educação para a cidadania, a discussão de questões sociais. Estes temas são chamados Temas Transversais, e a orientação sexual é um deles. Isto significa que as diretrizes nacionais da educação consideram a sexualidade um tema contemporâneo relevante que deve atravessar e interagir com as outras áreas do currículo. Ademais, o próprio apelo de crianças e adolescentes para a discussão da temática, a insistente veiculação midiática (sobretudo da TV), a admitida omissão familiar, as constantes políticas de saúde pública de HIV/AIDS, as iniciativas de professores e professoras no âmbito da escola formal, são aspectos que tornam indispensável um espaço para a orientação sexual no ambiente escolar. A escola hoje tem um currículo que deve envolver promoção da saúde e prevenção da doença. É possível que muitas crianças e adolescentes encontrem na escola, a segunda chance e talvez a última de conhecer um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, porque a primeira sempre será a família. Entretanto estar envolvido com a violência, com questões das drogas, esse é um problema para hoje, imediato, nesse sentido o papel do professor é extremamente importante na vida dessas crianças e adolescentes. A função do professor não é apenas responder, é despertar a curiosidade e orientar a busca da resposta em cada um dos alunos, uma vez que a criança saudável tem curiosidade sobre temas como a concepção e o nascimento, sobre o relacionamento sexual dos pais e sobre a morte. A sexualidade é um processo que nos acompanha por toda vida, e que inclui dimensões biológicas, éticas, espirituais, psicológicas e culturais, enfim o conjunto de tudo aquilo que recebemos de nossa família, ouvimos, vemos e sentimos, este processo de formação deve ser acompanhado: sanando dúvidas, orientando e possibilitando reflexão. Desde as primeiras manifestações infantis até o questionamento do jogo, vem cada resposta, repreensão e orientação dando forma ao conceito de sexualidade que carregamos. Mitos, medos e falta de informação também são formados neste processo de encontro com cada um com o ambiente que o envolve. Sexualidade não é só algo da natureza, é cultura, requer informação, conversa e vivência. Este processo é parte da socialização do homem, e tarefa da família e da escola, de modos diferentes. Da

forma como concebemos, educação sexual é diferente de orientação sexual. Na educação sexual, os agentes são os pais, os amigos, a TV, as revistas, a religião e todos os veículos da cultura que transmitem valores e informações. Ela pode ocorrer de modo informal e/ou formal, transmitindo valores. Ocorre desde o nascimento e perdura por toda a vida. Desse ponto de vista todas as pessoas, sem exceção, recebem "educação sexual". Já a orientação sexual é um processo formal, isto é, sempre planejado e sistematizado. Acontece em um ambiente específico (sala de aula, posto de saúde, etc.) e os agentes (educadores ou profissionais de saúde) são especialmente preparados para desenvolvê-la. Busca debater valores, para que cada um possa hierarquizar e priorizar os seus e esclarecer preconceitos. Nesse contexto, aos pais cabe educar sexualmente, e à escola orientar, respeitando valores e crenças de cada família. Logo, a abordagem escolar oferecida acontece a partir de uma visão pluralista de sexualidade e que o papel da escola é abrir espaço para que essa pluralidade de concepções, valores e crenças possa existir, não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que a família oferece. Quando podemos levantar hipóteses, unir as idéias, construir teorias, podemos pensar e assim conhecer e estabelecer relações afetivas. Os vínculos afetivos também são ligações que resultam do desejo de saber e de conhecer o outro. Diante da curiosidade sexual da criança, é muito importante primeiro entender a pergunta e verificar o que ela quer saber. Ao compreendermos a amplitude e o conteúdo da pergunta, devemos dar uma resposta cientificamente correta e objetiva e corrigir informações errôneas: devemos responder sempre, mesmo que seja para dizer que não sabemos. Quando encontramos desde pequeno alguém próximo a nós, seja ele um familiar, amigo ou educador de nossa confiança, que pode responder verdadeiramente nossas questões, mantemos vivos dentro de nós a esperança e o desejo de sempre poder vir a conhecer. E é por meio da aprendizagem de valores e comportamentos introjetados na infância que, futuramente, na chegada da puberdade, o ser humano será capaz de adotar atitudes sexuais compatíveis com o seu meio social. A forma como vamos viver nossa sexualidade depende muito do ambiente em que fomos criados e vivemos, partindo das primeiras relações afetivas e de cuidado até as relações na escola, com amigos, no trabalho, etc. A sexualidade é parte de um processo em construção e constante mudança. O trabalho de orientação sexual desenvolvido em uma escola da rede pública municipal de ensino do município de Porto Alegre, RS, neste ano de 2009, com crianças do 4º ciclo teve como principal objetivo promover reflexões sobre os temas ligados à sexualidade, prevenir DST/Aids e gravidez não-planejada e de ampliar as informações a respeito dos cuidados com a saúde sexual, respeitando o direito ao prazer, tendo para tanto objetivos

específicos; tais como levar as crianças a conhecer a origem dos bebês, o seu próprio corpo e o corpo do sexo oposto e a compreender as transformações físicas e emocionais que vão ocorrer com a chegada da puberdade; garantir informações sobre as transformações que vão ocorrer no seu corpo, utilizando materiais didáticos e linguagem direta e objetiva que permita que a criança compreenda o significado e sentido das palavras; tome consciência dos principais códigos sociais que regem o comportamento sexual na escola, na família e na comunidade; ajuda-los a se proteger de violências e assédios sexuais, esclarecendo que ninguém deve tocar o seu corpo sem que se deseje, com exceção dos pais ou médicos por motivo de higiene saúde; oferecendo assim à família e à instituição subsídios para auxiliar o relacionamento entre elas no tocante às manifestações da sexualidade. Com relação à metodologia empregada, foram realizadas oficinas separadamente, primeiro meninas e posteriormente meninos, por assim ser considerado mais proveitoso no que diz respeito à liberdade e desenvoltura para possíveis questionamentos dos temas, o que certamente não ocorreria pelo fato de muitas crianças terem vergonha de debater o tema sexualidade em presença de crianças do sexo oposto. Primeiramente foi aplicado um questionário de sondagem com questões básicas para testar o conhecimento prévio das crianças a respeito do tema e só então se utilizou de material didático adequado seguindo o roteiro citado anteriormente. Nesse contexto, o papel do orientador e da escola não é ditar valores morais quanto à forma de vivenciar a sexualidade, mas de garantir as informações cientificamente corretas com relação à sexualidade. Pais e professores devem acreditar que as crianças possuem personalidade, preferências e um potencial a ser desenvolvido e tudo que se invista nesse sentido possibilitará que elas tenham a oportunidade de usufruir o ambiente que as rodeia e descobrir fontes de prazer e de gratificação na vida.